



## EVOCAÇÕES NA CONTRAMÃO

CLAUDIO VOUGA

**U**m homem e sua lenda. Nem sempre poucas vezes os heróis participam da elaboração da própria lenda. Por circunstâncias diversas que dizem respeito tanto a sua trajetória pessoal quanto aos acontecimentos nacionais

Florestan Fernandes teve a chance de fazê-lo. Da história oficial, versão que privilegia, como veremos, grupos, organizações e pessoas, entretanto, surge um personagem menor do que aquele que existiu na realidade.

Menino pobre, excluído, humilhado e ofendido, sem direito sequer ao nome: uma patroa de sua mãe chamava-o Vicente por achar que Florestan não era nome de pobre. Graças ao esforço, ao sacrifício e ao

trabalho, Florestan conquistou primeiro seu nome e depois seu lugar no mundo tornando-se cientista e, através da sociologia e da militância política, foi capaz de desmistificar as classes dominantes resgatando suas origens e contribuir na marcha dos povos para o socialismo. Essa a lenda, a história contada tantas vezes em entrevistas e escritos do próprio Florestan bem como de terceiros. Será então que devemos esquecer a realidade e não dar a devida relevância ao papel de Florestan Fernandes como iniciador e implementador do padrão científico nos estudos sociológicos no Brasil? Devemos simplesmente, como o

personagem do filme

*The man who shot*

*Liberty Valence*, de

John Ford, ficar com

CLAUDIO VOUGA é professor do Departamento de Ciência Política da FFLCH-USP e coordenador do Grupo de Teoria Política (IEA-USP).



Foto do primário, 1926, quando Florestan contava seis anos

Na foto da esquerda, com o filho Florestan Jr., na casa da Alameda Jaú, final dos anos 50; abaixo, São Paulo, 9 de setembro de 1982, debate promovido pela revista Nova Ensaio, com tema "Eleições e Partidos Políticos", em que participaram, entre outros, Florestan, Ricardo Antunes e Almino Afonso — no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo



a lenda deixando de lado a realidade?

Depois do velório do corpo de Florestan no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, segui para o crematório de Vila Alpina para prestar a última homenagem àquele que fora meu antigo mestre. Não quero falar do drama dos familiares ou nosso, seus amigos. Nem na incompetência da América católica, nem na vaidade acadêmica, que terminara não só por conduzir Florestan mais rapidamente à morte como também a subtrair seu corpo da cerimônia fúnebre no momento da cremação, para realizar uma autópsia. Estranha ironia: ele que se recusara a realizar um tratamento nos Estados Unidos por acreditar na capacidade da ciência nacional.

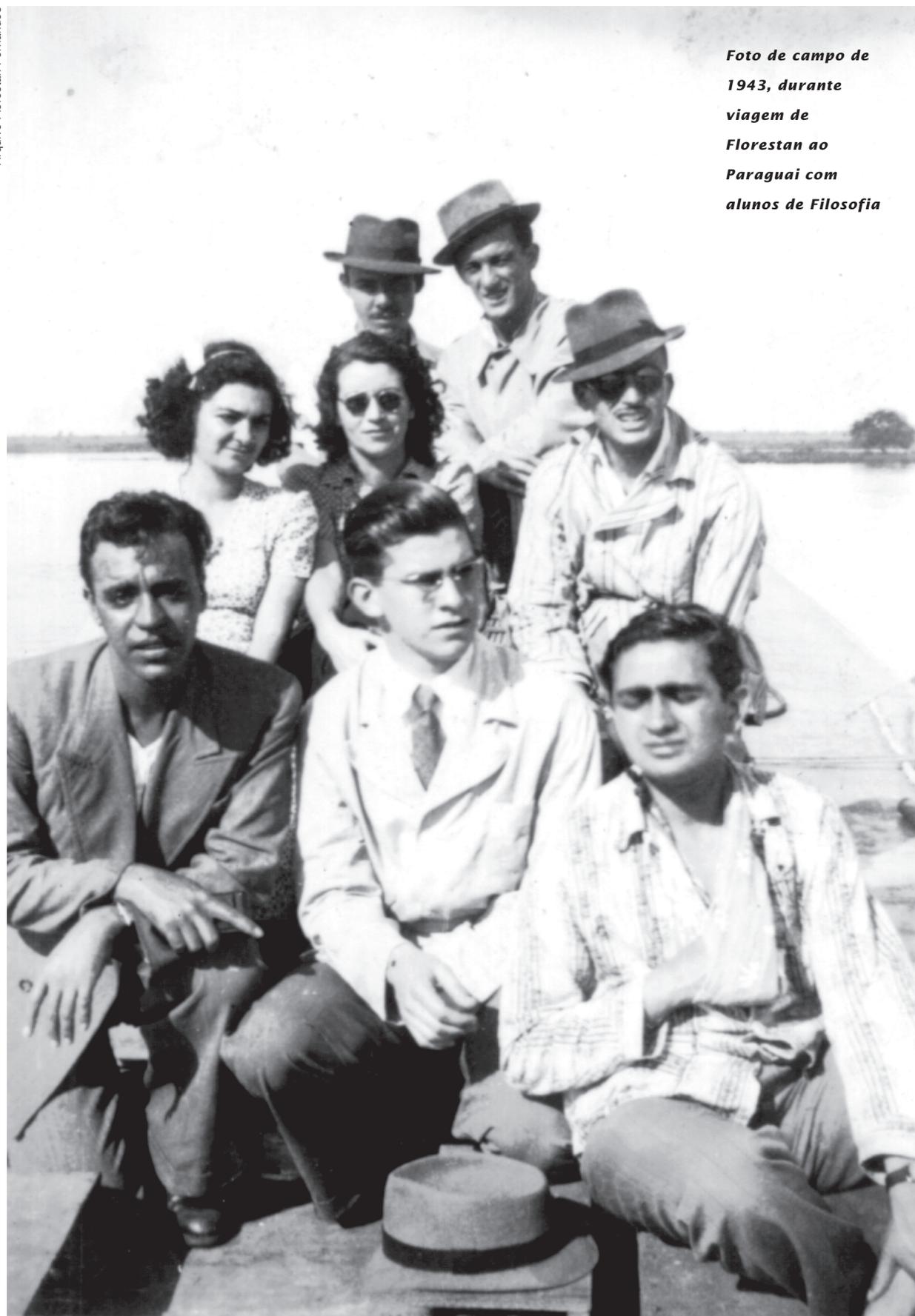
Falemos, então, apenas da cerimônia: bandeiras vermelhas do Partido dos Trabalhadores, canções revolucionárias chilenas e cubanas, a Internacional em uma gravação em castelhano (será que não existe uma gravação em português, serão nossos costumes tão brandos que na pátria de nossa língua não cabe o chamamento revolucionário?). Punhos fechados, um ex-candidato à presidência, sindicalistas, parlamentares de extrema esquerda, outros militantes de esquerda, um vago padre que puxa uma reza (raro momento de conforto espiritual), tudo enfim estava muito aquém e muito distante da real importância de Florestan Fernandes. Como alguém de sua importância intelectual pode ser assim apropriado unicamente por grupo, facção ou partido?

Como também estão aquém de sua importância as reportagens, editoriais, números especiais, etc., que desde então foram feitos em sua homenagem, porque tudo refere-se à lenda e a lenda é pequena diante da importância do homem.

Como militante socialista o perfil de Florestan perde-se no número, como constituinte ou parlamentar não se sobressaiu especialmente. Seu papel nas Ciências Sociais no Brasil é, entretanto, único. E, estranhamente, desse pouco se fala. Como se, por sobre as divergências aparentes, uma aliança se consolidasse: à esquerda uma facção partidária que vê apenas o “seu” militante, à direita grupos acadêmicos que por razões também mesquinhas tentam diminuir ou mesmo apagar a im-

portância de Florestan Fernandes e da Universidade de São Paulo na implantação das Ciências Sociais no Brasil. Vemos então que os interesses de grupos e pessoas dentro das universidades, dentro dos partidos, no meio intelectual em geral vão convergindo na consolidação de uma hagiografia oficial e o espaço deixado vazio, que na verdade é o de Florestan, vai nessa versão, sendo ocupado por figuras menores.

Os acontecimentos são recentes, as paixões estão acesas, os interesses são fortes, estamos longe do *exeunt* de todos os personagens. Não é, portanto, ainda o momento de fazer serenamente o balanço da obra e da contribuição de Florestan para a teoria sociológica ou para a análise do Brasil moderno. Ou, então, a realização de uma biografia intelectual onde se possa traçar na obra as linhas de fuga que cheguem às vivências, para delimitar e determinar as influências destas naquela. Agora, e é isto que faço, é possível apenas agregar outro ponto de vista, que não pretende simplesmente substituir-se à versão oficial da lenda ou forjar outra - quero apenas falar de outro lugar. Do antigo prédio da rua Maria Antônia, não do monstro inútil recentemente recuperado pela USP, mas do velho prédio, daquele que só existe na memória; do segundo andar em frente à escada ao fundo do corredor dos lados esquerdo e direito onde se situava a cadeira de Sociologia I da qual Florestan foi regente e depois catedrático, e meu chefe. É desse prédio, desse andar, de uma sala ao fundo à direita, sala partilhada com diversos colegas, que falo; de minha mesa, de meu lugar de assistente. Daí vejo Florestan, de avental branco (como lembrou Fernando Henrique o avental dava o estatuto científico aos cientistas sociais - Florestan, Egon Schaden, Lourival Gomes Machado, o próprio Fernando Henrique todos o usavam -, o avental que protegia o traje civil dos materiais de laboratório; de que contaminação, de que perigo protegia a pureza dos sociólogos de então?). Florestan, para nós recém-iniciados, o grande sociólogo, chefe exigente que nos punha todos em louca competição mas também paternal em todos os sentidos positivos do termo. Comigo em especial, inexperiente porém pretencioso (*on n'est pas sérieux, quand on a dix-sept ans*, ou um pouco



*Foto de campo de  
1943, durante  
viagem de  
Florestan ao  
Paraguai com  
alunos de Filosofia*

mais), sempre foi generoso e mais do que a segunda, deu-me várias chances. Mas quando hoje lembro Florestan, o Florestan dessa época, o Florestan de todas as épocas, o que sempre me vem à memória é sua qualidade primeira, sua qualidade a melhor a ser apreciada - a coragem; uma enorme coragem física e moral; a coragem que o fez enfrentar o infame Inquérito Policial Militar (com seus cúmplices não só na Universidade de São Paulo, como também na própria Faculdade de Filosofia) com a carta que acarretou sua prisão. A mesma coragem com que enfrentou um chofer de caminhão numa briga de trânsito no dia em que chegou à Faculdade um pouco machucado e com os óculos quebrados, mas com aquela imensa alegria de não ter recuado diante do adversário mais forte. Coragem alicerçada na força moral e na raiva interior que lhe permitiram superar sua condição social e ter ascendido à sua posição. Esse Florestan do qual me lembro bem é o de sua plena maturidade intelectual, o Florestan da década de 60 que punha a sociologia acima de tudo e via o sociólogo (parte privilegiada e *intelligentzia*) como agente transformador da realidade apoiado na intervenção racional. Florestan costumava, nas aulas de seu curso de Sociologia Aplicada, inverter a célebre assertiva de Hans Freyer, um de seus autores paradigmáticos, para dizer: “Só quer algo socialmente quem vê algo sociologicamente”. Essa sua crença na possibilidade da ciência o aproximava dos idealizadores da Universidade de São Paulo, essa elite paulista com quem sempre manteve relações ambíguas. Estranha elite, elite derrotada numa guerra (foi o que a Revolução Constitucionalista foi) que pretendia através do conhecimento, e da ciência, uma possibilidade para se reestruturar. Florestan colocava a sociologia acima de engajamentos, partidarismos, nacionalismos e foi esse o ponto de vista que procurava passar a seus assistentes e alunos, e foi esse o ponto de vista que sempre inspirou a parte realmente significativa de sua obra. Nesse sentido devemos nos lembrar da assim chamada “polêmica” com Guerreiro Ramos contra os engajamentos nacionalistas isebianos que fascinaram tantos e tão diferentes autores mas jamais tiveram influência junto aos sociólogos da Universidade de São

Paulo graças à firme posição de Florestan.

Florestan é inseparável da sociologia. É como se para ele o mundo não existisse antes. Seu estilo tortuoso, difícil, rebarbativo às vezes é o estilo de alguém que aprendeu a escrever escrevendo textos científicos. Ao contrário de seus colegas originários ou agregados à elite paulista, a formação literária anterior de Florestan era praticamente inexistente. Ele só conhece, só se interessa por sociologia que, para ele, é a grande porta para o conhecimento do mundo e a larga escada para sua ascensão social. E aí ele está em seu campo, vai às teorias mais modernas, ao funcionalismo sofisticado de Merton, à teoria de Talcot Parsons, a última grande tentativa de síntese na Ciência Social moderna. Enquanto seus colegas mais cultivados se utilizavam do esquema teórico de Gurvitch (quem ainda se lembra dele?). Ele próprio, Florestan, tenta um ecletismo sintetizador em seus escritos teóricos onde junta a tradição francesa dos estudos clássicos ao estrutural-funcionalismo norte-americano.

Essa identificação de Florestan à sociologia viria a ser questionada mais tarde pelo próprio Florestan, mas sabemos que não só a História como a história de cada um pode ser muitas vezes reescrita. Em seu romance *Jean Barrois*, Roger Martin Du Gard nos conta a história do livre pensador que quando vacila pela primeira vez diante da idéia de morte deixa um belíssimo testamento intelectual reafirmando suas idéias, morre reconciliado com a igreja católica e o documento, ironia da narrativa, é destruído pela mulher. Qual Jean Barrois? Qual Florestan?

Como diz o poeta popular “todo boato tem um fundo de verdade”. A história oficial baseia-se em ambigüidades do próprio pensamento de Florestan, considerando-se apenas o período academicamente relevante de sua obra (até 1975, ano da publicação de *Revolução Burguesa no Brasil*).

Às vezes, poucas, aproxima-se dos pensadores liberais, como em seus textos de luta pela escola pública ou quando se coloca contra a ordem patrimonial brasileira por ele chamada de Antigo Regime, por exemplo no que se refere às dificuldades de absorção do negro à emergente ordem competitiva ou ainda quando analisa os obstáculos



*Florestan com Lula, durante o 9º Encontro Nacional do PT, em Brasília (abril/maio de 94); atrás aparece Arlindo Chinaglia*

não-econômicos ao desenvolvimento.

Na maioria das vezes, entretanto, à la Mannheim, acredita na possibilidade de intervenção racional sobre a realidade social, aparece então como estatista, como estatista será na fase do “saber militante”, sejam as decisões tomadas por sábios cientistas ou partidos detentores da verdade, sempre, naturalmente, em nome de outros e em virtude de um saber superveniente. O que parece ser a idéia-força desse aspecto de sua obra é a de *controle racional*, da qual decorre a idéia de planificação. Estado e planificação, que se pretende democrática, esse o centro do pensamento de Florestan nos anos 60. Outras tivessem sido as circunstâncias e teria desempenhado um papel semelhante ao que foi exercido, durante os governos militares, pelo também professor da USP Delfim Neto. O que existe de semelhança entre o Florestan dessa época e o Florestan publicista do socialismo dos anos 80 e 90 é a crença quase ingênua na possibilidade de controle racional dos processos sociais e na conseqüente necessidade de uma planificação estatal, centralizada, das sociedades. O socialismo vem depois, o Karl importante que fundamenta esse pensamento é Mannheim e não Marx, e Freyer é o terceiro *volet* do tríptico. É claro que não existe uma total contradição entre

o catedrático de Sociologia I da USP e o propagandista do socialismo. Quero apenas ressaltar que a linha reta que vai da proclamada militância trotskista da juventude ao constituinte e deputado do Partido dos Trabalhadores está longe de ser contínua. Entre esses dois momentos de sua vida, Florestan Fernandes estabeleceu as bases da sociologia científica no Brasil, deu uma contribuição teórica de nível internacional à disciplina, analisou alguns dos processos mais importantes da modernidade brasileira, criou uma escola que, apesar de golpeada e dispersa pela repressão política, ainda não floriu as cem flores.

O personagem da história oficial e o herói da lenda partidária tentam fazer desaparecer outro personagem, o acadêmico inovador. Só que ao contrário daquelas bonecas russas que se guardam uma dentro da outra, o personagem oculto é muito maior do que aquele louvado na biografia autorizada. Tanto aqueles que por interesse partidário construíram essa biografia quanto outros que por interesse institucional gostariam que Florestan fosse um militante socialista da juventude à morte não conseguem entretanto apagar a obra dos anos do apogeu intelectual de Florestan ou a memória de sua realização institucional, esta destruída pela ditadura militar.